

# MUNDO

## PANDEMIA

### HIV/Aids: uma tragédia plantada no solo africano

O impacto da epidemia de contaminação pelo vírus HIV e do desenvolvimento da Aids em continente africano, já qualificado de pandemia devido às proporções atingidas, tem levado diversos programas vinculados à ONU a proporem debates mundiais e pesquisa mais apurada para medir a dimensão dessa tragédia contemporânea. No prefácio do quarto relatório global da Unids, divulgado no ano passado, o secretário geral das Nações Unidas, Kofi A. Annan, descreve a situação como um novo tipo de emergência global, em que os países africanos desempenham um papel central nas discussões. Para a FAO – organização da ONU para a área de alimentação e agricultura – a pandemia não é somente um problema relacionado à área de saúde, mas um fator que afeta o desenvolvimento em geral.

**FRAGILIDADE RURAL** As previsões sobre os impactos da doença na produção rural africana são pessimistas e indicam uma redução drástica da força de trabalho no campo: estima-se que na Namíbia, até 2020 haverá uma redução de cerca de 26%, e em Botswana 23%. Essa redução da força de trabalho rural tem conseqüências diretas na economia dos países africanos e aumenta a fragilidade das comunidades rurais, em relação à questão alimentar

com a queda da produção de subsistência. Estudos da FAO evidenciam várias conseqüências malélicas do impacto da epidemia, e a conseqüente morte prematura da população rural. Por essa razão, especialistas da organização consideram a doença como fator importante a ser considerando no planejamento sócio-econômico dos países. A situação é difícil tanto para os africanos da zona rural, como para os responsáveis por políticas para a região. A especialista Marcela Villarreal, em documento publicado pela FAO em 2003, mostra que apesar das implicações do HIV/Aids sobre a demografia das populações rurais africanas já se rem bem conhecidas, os efeitos da epidemia sobre a produção para subsistência e segurança alimentar dos habitantes das zonas rurais ainda precisam ser mais estudados. Ela aponta a necessidade de se criar as ferramentas para medir com exatidão os impactos da doença.

**NÚMEROS TRÁGICOS** O tratamento de HIV/Aids significaria um fator-chave para o desenvolvimento dos países africanos onde cerca de 80% da população depende da produção agropecuária para a sobrevivência. Uma pequena parcela da população africana rural contaminada é medicada e desempenha a importante tarefa de continuar trabalhando para garantir alimentos para o resto da comunidade. Uma alimentação de qualidade e em quantidade suficiente é uma das medidas necessárias e urgentes para deter a progressão do HIV para a Aids nessas comunidades.

Enquanto muitos acontecimentos montam o cenário da “peste negra” do século XXI, a

África subsaariana continua sua rota trágica com os maiores índices de infecção do mundo: cerca de 30 milhões de habitantes vivem com HIV/Aids; mais de 15 milhões já morreram com Aids; e mais de 11 milhões já perderam pelo menos um parente por causa da doença. Em Botswana, as taxas de incidência de HIV/Aids estão em cerca de 30% da população, e continuam aumentando. As previsões são de que, mantido o atual cenário, cerca de 20 milhões de crianças africanas abaixo de 15 anos serão órfãs em 2010.

**LOTAÇÃO DOS CEMITÉRIOS** Um pequeno artigo publicado por Michael Wines no *New York Times* intitulado “Full graves, then fuller, for rising toll” ilustra bem o drama africano nos dias de hoje. O artigo conta que em Durban, na África do Sul, o elevado número de mortos pelo vírus HIV tem levado o coveiro Mr. Gasa a buscar soluções para um novo problema: a lotação dos cemitérios. O que fazer? Desenterrar os ossos, reutilizar a mesma cova ou queimar os mortos? Por enquanto, Mr. Gasa tem optado por ‘reciclar’ as mesmas covas. A cremação poderia ser uma escolha, não fosse a resistência cultural dos zulus, que habitam a região, a tal prática.

Durban exemplifica uma estranha novidade na ocupação do solo africano. Antes da pandemia, a terra era utilizada, essencialmente, para sustentar as economias da maioria dos países africanos agrícolas. Hoje, o solo continua sendo utilizado para a produção agropecuária, mas os cemitérios lotados concorrem cada vez mais por espaço.

*Juliana Schober*